

O SUICÍDIO NA PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA HUMANISTA, FENOMENOLÓGICA E EXISTENCIAL: REVISÃO SISTEMÁTICA

SUICIDE FROM THE PERSPECTIVE OF HUMANISTIC, PHENOMENOLOGICAL AND EXISTENTIAL PSYCHOLOGY: SYSTEMATIC REVIEW

MARIA GABRIELLY MOREIRA LEAL¹, MARIA NATANIELE BARROS DE ARAÚJO², ANNE CAROLINE GOMES MOURA^{3*}

1. Acadêmica do curso de Psicologia e bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) do Instituto de Educação Superior Raimundo Sá (IESRSA); 2. Acadêmica do curso de Psicologia e bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) do Instituto de Educação Superior Raimundo Sá (IESRSA); 3. Graduação e Mestrado em Psicologia pela Universidade Federal do Piauí (2016) e (2018), pós-graduada em Saúde pública e da família pela Faculdade Internacional do Delta e em Psicologia Hospitalar e da Saúde pela Faculdade Conexão. Professora do curso de Psicologia do Instituto de Educação Superior Raimundo Sá (IESRSA)

* Rua São Pedro, 455, Centro, Bocaina, Piauí, Brasil. CEP: 64630-000. carolinepsi01@gmail.com

Recebido em 12/02/2025. Aceito para publicação em 13/02/2025

RESUMO

O suicídio apresenta-se como um dos principais problemas de saúde global. Considerando as contribuições que o estudo do suicídio pelo viés humanista, fenomenológico e existencial podem trazer para o entendimento não só do fenômeno em si, mas também das pessoas que são atravessadas por ele, este estudo planeja realizar uma revisão sistemática das produções brasileiras publicadas nos últimos cinco anos que abordam o suicídio sob o viés humanista, fenomenológica e existencial. Para tal, foi realizada uma busca em sete bases de dados, a saber: CAPES, SciELO, PePSIC, BVS, PUBMED, APA PsycNET e a LILACS. A pesquisa aconteceu em novembro de 2024 e resultou em um total de 58 artigos encontrados. Após aplicar os critérios de inclusão e exclusão 16 artigos foram selecionados para análise. Pode-se concluir com esses estudos que estas abordagens se interessam pela experiência vivida de pessoas com comportamentos suicidas ou de familiares e profissionais da saúde que lidam com essas pessoas. Percebeu-se também a escassez de estudos produzidos na região norte e nordeste deste país, e de estudos brasileiros em periódicos internacionais como o PubMed e APA PsycNET. Por fim, sugere-se a realização de revisões sistemáticas que contemplem autores de outras nacionalidades.

PALAVRAS-CHAVE: Suicídio; Fenomenologia; existencialismo; humanismo.

ABSTRACT

Suicide is one of the main global health problems. Considering the contributions that the study of suicide from a humanistic, phenomenological and existential perspective can bring to the understanding not only of the phenomenon itself, but also of the people who are affected by it, this study plans to carry out a systematic review of Brazilian productions published in recent years. five years that approach suicide from a humanistic, phenomenological and existential perspective. To this end, a search was carried out in seven databases: namely, CAPES, SciELO, PePSIC, VHL, PUBMED, APA PsycNET and LILACS. The search took place in November 2024 and resulted in a total of 58 articles

found. After applying the inclusion and exclusion criteria, 16 articles were selected for analysis. It can be concluded from these studies that these approaches are interested in the lived experience of people with suicidal behavior or of family members and health professionals who deal with these people. It was also noticed the scarcity of studies produced in the north and northeast region of this country, and of Brazilian studies in international journals such as PubMed and APA PsycNET. Finally, it is suggested that systematic reviews be carried out that include authors of other nationalities.

KEYWORDS: Suicide; Phenomenology; Existentialism; Humanism.

1. INTRODUÇÃO

O suicídio apresenta-se como um dos principais problemas de saúde global. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS)¹, é um fenômeno que ocorre durante todo o ciclo vital, em países de alta ou baixa renda. Não obstante, afeta sobretudo os jovens de 15 a 29 anos, cujo suicídio foi a terceira principal causa de mortes em 2021, e os países de baixa e média renda, que compreenderam 73% dos casos de mortes voluntárias também no ano de 2021.

No Brasil, a Associação Brasileira de Medicina de Emergência (Abramede)² chama atenção para o aumento percentual superior a 25% nas internações por tentativa de autolesão nos últimos 10 anos. De acordo com esta associação, em 2023 foram registradas 11.502 internações no SUS relacionadas a lesões em que houve intenção deliberada de infligir dano a si mesmo. Estes números, no entanto, podem ser bem maiores, considerando-se as subnotificações e o estigma associado ao comportamento suicida.

Ainda na perspectiva da OMS¹, “as razões para o suicídio são multifacetadas, influenciadas por fatores sociais, culturais, biológicos, psicológicos e ambientais”. Nesse sentido, a entidade aponta uma forte relação entre a autoagressão e a existência de

transtornos mentais, a quebra na capacidade de lidar com o estresse da vida, a vulnerabilidade de alguns grupos que sofrem discriminação, a uma sensação de isolamento, e a vivência de situações de conflitos, desastres, violência, abuso ou perda.

Nesse viés, de acordo com Horta (2018)³, a contemporaneidade é marcada por mudanças profundas nas formas de relacionamento entre as pessoas, em que as distâncias não existem mais, o tempo é acelerado e predomina um excesso de informações. Tais características, segundo a autora, culminam em sintomas individuais e sociais como: negatividade, estresse, sobrecarga, culpa, melancolia, vazio existencial e uma dor profunda, quase impossível de ser definida. Assim, é possível fazer um paralelo entre os sentimentos comuns a quem tenta suicídio e uma sociedade contemporânea que facilita a emersão de tais sentimentos.

Conforme destaca Botega (2015)⁴, no atual cenário brasileiro, há um aumento de suicídio, com destaque para as regiões Sul e Centro Oeste. Assim sendo, esse estudo justifica-se pelo número de suicídio no Brasil, além do impacto psicológico e social que desempenha na vida dos sobreviventes enlutados. A análise do suicídio no contexto nacional surge, desse modo, como elemento essencial para fomentar políticas públicas que visem programas de prevenção e grupos de apoio aos sobreviventes enlutados por este fenômeno.

Outrossim, há uma grande escassez de pesquisas científicas que analisam a produção de estudos sobre o suicídio sob um viés humanista, fenomenológico e existencial no contexto brasileiro. De acordo com Cruz *et al* (2020)⁵, a maioria dos estudos concentra-se em uma compreensão biomédica do fenômeno, enquanto os que adotam uma abordagem humanista-fenomenológica ainda não esgotam as possibilidades de novas investigações nesta área. Assim, torna-se imprescindível estudar o suicídio por essas perspectivas, uma vez que isso pode proporcionar a compreensão holística do fenômeno, bem como elucidar os sentimentos e percepções subjacentes a ideação, tentativa e consumação do ato, como se vê a seguir:

Suicídio na perspectiva humanista-fenomenológica

Os humanistas são voltados para compreender e apreciar as pessoas de forma holística, fenomenológica e sistêmica, como em constante evolução, e como situadas de forma única em seus contextos socioculturais e eco-psico-espirituais de intersecção (Sociedade Humanista de Psicologia, 2024)⁶. Dentro de uma abordagem humanista, o clima de diálogo fecundo e a atmosfera psicológica do encontro são promovidas por uma disposição aceitadora, compreensiva e empática⁷.

A perspectiva fenomenológica, por sua vez, trata da compreensão dos indivíduos e da experiência vivida por estes. De acordo com Bello (2006)⁸, Husserl vai ao interior, aos atos, às vivências para conhecer o sujeito que apreende o fenômeno, para poder conhecer as

características do que está fora (não factualmente), mas conforme foi apreendido pelo sujeito, faz uma análise do ponto de vista do espírito. Sendo assim, a fenomenologia husserliana aplicada ao estudo do suicídio, busca compreender o sujeito que vivência este fenômeno, não os fatos externos, mas sim os sentidos apreendidos pelos sujeitos durante esta experiência.

Enquanto isso, para a fenomenologia de Merleau-Ponty, conforme destaca Rocha, Boris e Moreira (2012)⁹, o suicídio não é compreendido somente como uma manifestação subjetiva adoecida, mas também está relacionada com a dimensão social e histórico do indivíduo, pois o homem e o mundo são vistos na totalidade. Nesse sentido, o ser humano só pode ser percebido mediante a explicação de onde ele está constituído.

Dessa forma, percebe-se a importância do viés humanista-fenomenológico para a compreensão do suicídio, uma vez que estas permitem um olhar contextual para os fatos que levaram à ideação, tentativa ou consumação do suicídio. Além disso, tais perspectivas promovem um acolhimento em relação a estas pessoas, em que o interesse se volta para a elaboração dos sentidos subjacentes às vivências suicidas.

Suicídio na perspectiva fenomenológico existencial

A filosofia existencialista, por outro lado, é uma corrente filosófica cujo objetivo é refletir sobre a existência humana considerando os elementos individuais e socioculturais de forma unificadora¹⁰. Para a compreensão do comportamento suicida, nesta perspectiva só é possível quando se assume uma postura fenomenológica. Desse modo, busca-se suspender os juízos de valores para encontrar a origem do fenômeno¹¹.

Segundo Ming-Wau *et al.* (2020)¹², para o existencialismo sartriano as escolhas que os indivíduos assumem no seu ato de liberdade podem desempenhar angústia, levando-a um comportamento suicida. Desse modo, o suicídio existencial emerge como uma opção radical que visa interromper a aflição existencial deste ser, bem como, está fomentada pela indiferença em relação ao outro. Essa definição proposta por Sartre é corroborada por Botega (2015)⁴, pois este afirma que, em algumas tentativas, a principal motivação não é a morte, mas o desejo de suprimir o sofrimento.

Considerando as contribuições que o estudo do suicídio pelo viés humanista, fenomenológico e existencial podem trazer para o entendimento não só do fenômeno em si, mas também das pessoas que são atravessadas por ele, este estudo planeja realizar uma revisão sistemática das produções brasileiras publicadas nos últimos cinco anos que abordam o suicídio sob o viés humanista, fenomenológica e existencial.

2. MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa foi elaborada mediante revisão sistemática nacional da literatura dos últimos cinco

anos sobre o suicídio nas perspectivas humanista, fenomenológica e existencial. Para garantir qualidade, a revisão foi produzida de acordo com as diretrizes sugeridas por Koller, Couto e Hohendorff (2014)¹³.

Deste modo, elaborou-se o seguinte plano de trabalho: 1) delimitação da questão a ser pesquisada; 2) escolha das fontes de dados; 3) eleição das palavras-chaves para busca; 4) busca e armazenamento dos resultados; 5) seleção de artigos pelo resumo, de acordo com o critério de inclusão e exclusão; 6) extração dos dados dos artigos selecionados; 7) avaliação dos artigos e 8) síntese e interpretação dos dados¹³.

Em seguida, foi realizada uma busca em sete bases de dados, a saber: CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), SciELO (Biblioteca Eletrônica Científica), PePSIC (Periódicos Eletrônicos em Psicologia), BVS (Biblioteca Virtual em Saúde), PUBMED (Public/Publisher Medline), APA PsycNET (*American Psychological Association PsycNET*) e a LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde).

A estratégia de busca incluiu o cruzamento entre as palavras-chave: Suicídio and (Gestalt-Terapia, Gestalt Terapia, Abordagem Gestáltica, Gestalt, Psicologia Humanista, Psicologia Humanística, Fenomenologia, Psicologia Fenomenológica, Psicologia Fenomenológica Existencial, Psicologia Fenomenológico Existencial, Psicologia Existencial, Abordagem Centrada na Pessoa, Terapia Centrada no Cliente, Carl Rogers, Terapia Não Diretiva, Fritz Perls, Psicologia Humanista, Psicologia Humanística, Psicologia Fenomenológica, Psicologia Existencialista, Humanista, Humanismo).

Em relação aos critérios de inclusão, foram considerados artigos científicos publicados entre o ano de 2019 até 2024, cujos estudos possuísem enfoques fenomenológicos, humanistas e existencialistas. Os critérios de exclusão foram artigos científicos repetidos, revisões sistemáticas, trabalhos de conclusão de curso, teses, dissertações, livros e os artigos que não cumprissem os critérios de inclusão.

3. DESENVOLVIMENTO

A pesquisa aconteceu em novembro de 2024 e resultou em um total de 58 artigos encontrados. Após aplicar os critérios de inclusão e exclusão, 42 artigos foram descartados por estarem duplicados, não possuírem a palavra “suicídio” no resumo, pelo método inadequado, por serem anteriores ao ano de 2019 ou por serem de autoria não brasileira. Sendo assim, 16 artigos foram selecionados para análise. As produções foram analisadas segundo o título, autoria, ano de publicação, região do Brasil, base de dados, periódico, qualis, tipo de estudo, objetivo do estudo, e resultados.

Para uma melhor compreensão do refinamento, segue a figura abaixo:

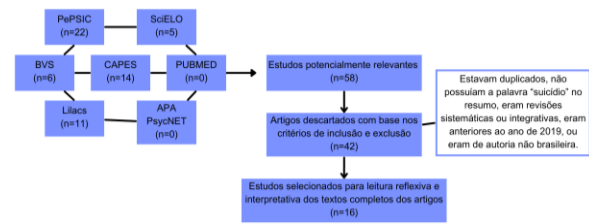


Figura 1. Organograma das etapas do refinamento. **Fonte:** Dados da Pesquisa, 2024.

Deste modo, percebeu-se uma maior concentração de estudos sobre a temática nas bases de dados PePSIC (n=22), o que pode ser explicado por esta ser uma base de dados destinada à área da Psicologia, seguido pela CAPES (n=14), pela Lilacs (n=11), pela BVS (n=6) e pela PUBMED (n=0) e APA PsycNET (n=0). Nota-se, portanto, uma carência de pesquisas brasileiras sobre a temática, que estejam em consonância com os critérios de inclusão e exclusão, nestas duas últimas bases de dados. Dos artigos selecionados para leitura dos textos completos incluídos no presente estudo, 4 foram extraídos da BVS, 4 da PePSIC, 5 do CAPES, 2 da SciELO e 1 da Lilacs.

Com relação ao ano de publicação dos artigos selecionados, a maior prevalência foi nos anos de 2020 (n=4), 2021 (n=4) e 2023 (n=4), seguido pelo ano de 2022 (n=2), e pelos anos de 2019 (n=1) e 2024 (n=1). Vale ressaltar que a pesquisa foi realizada no ano corrente, logo, não esgota as possibilidades de estudos em 2024. Para mais, a fim de oferecer uma melhor compreensão da quantidade total de artigos que foram analisados segundo o ano de publicação, segue a figura abaixo:

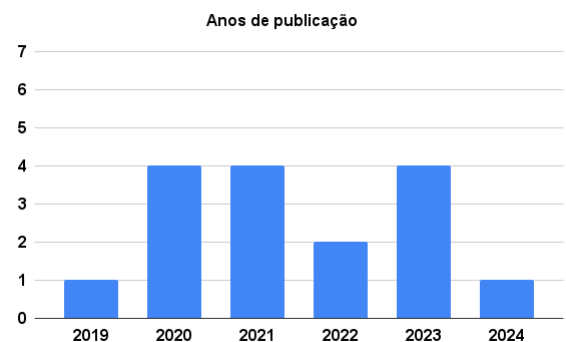


Figura 2. Quantidade de artigos segundo o ano de publicação. **Fonte:** Dados da pesquisa, 2024.

No escopo dessa investigação, é relevante também discutir as regiões do Brasil em que esses estudos estão vinculados, sendo: 6 na região sudeste, 4 nas região sul, 3 nas regiões nordeste e centro-oeste e a região norte. Com isso, foi possível perceber uma maior concentração de estudos na metade sul e sudeste do país, que juntas totalizam 10 artigos, e a escassez de produções na porção norte e nordeste, que somadas resultam em apenas 3 artigos. Para melhor visualização, segue a figura abaixo:



Figura 3. Quantidade de artigos segundo a região vinculada. **Fonte:** Dados da pesquisa, 2024.

Torna-se relevante também analisar os periódicos em que esses artigos foram publicados, sendo eles: Revista Psicologia e Saúde, Estudos e Pesquisas em Psicologia, Revista da Abordagem Gestáltica, Arquivos Brasileiros de Psicologia, Revista do NUFEN, Revista Subjetividades, ABCS Health Sciences, Psicologia em Estudo, Psicologia e Saúde em Debate, Frontiers in Psychology, Id Online - Revista Multidisciplinar de Psicologia, Psicologia: Ciência e Profissão e Estudos de Psicologia.

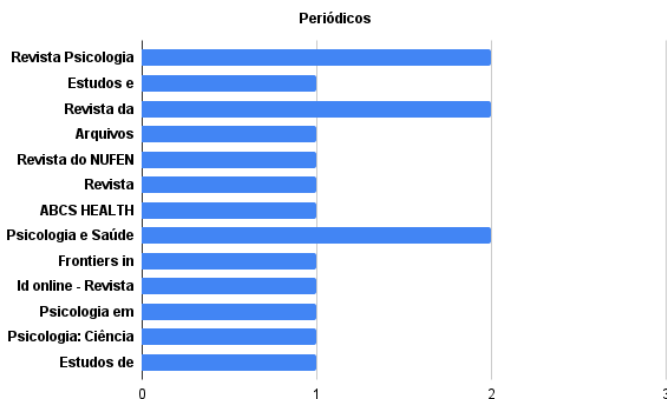


Figura 4. Quantidade de artigos segundo o periódico publicado. **Fonte:** Dados da pesquisa, 2024.

Desse modo, observou-se que os periódicos com o maior número de publicações sobre essa temática nos últimos cinco anos são a Revista Psicologia e Saúde, Revista da Abordagem Gestáltica e Psicologia e Saúde em Debate, com respectivamente 2(dois) artigos. Vale ressaltar que um dos periódicos, a Frontiers in Psychology, é de origem internacional, enquanto os demais são nacionais. Acima, apresenta-se uma figura que ilustra a distribuição do número de artigos publicados entre os periódicos mencionados.

No âmbito desta temática, destaca-se também a importância de discutir a *qualis* desses periódicos. A saber, três (3) são classificados como A1, três (3) como A2, cinco (5) como A3, quatro (4) como B1 e um (1) como B3. Observou-se, portanto, que a maioria das bibliografias analisadas está vinculada a periódicos de alta excelência. Para facilitar a compreensão, segue abaixo a figura:

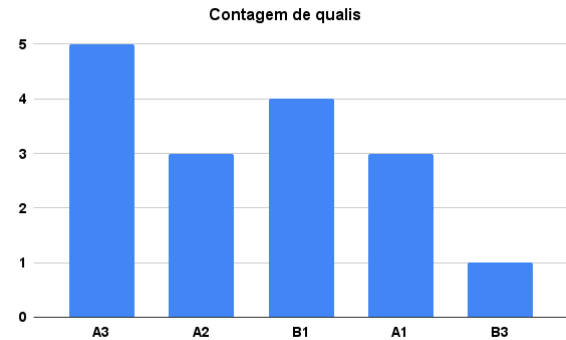


Figura 5. Quantidade de artigos segundo a classificação *qualis* do periódico em que foram publicados. **Fonte:** Dados da pesquisa, 2024.

4. DISCUSSÃO

Com base nos resultados adquiridos a partir da análise dos 16 artigos escolhidos, pode-se concluir que 5 (cinco) pesquisas são de natureza teórica e 11 de natureza empírica. Diante disso, a presente pesquisa propõe a discussão desses estudos considerando suas principais características e objetivos, para assim compreender o que vem sendo abordado nos últimos cinco anos acerca do suicídio pelas perspectivas humanistas, fenomenológicas e existencialistas, como se vê a seguir:

Oliveira, Leite e Gaspar (2021)¹⁴ analisaram a experiência do suicídio a partir da elaboração de uma adolescente que tentou se matar. Para tal, realizaram uma entrevista fenomenológica semiestruturada, em que a adolescente participante relatou, sobretudo, a influência do olhar do outro anterior e posteriormente à tentativa de autoextermínio. A partir disso, os autores discutiram sobre a importância do cuidado para que a pessoa consiga elaborar qualquer experiência com abertura e autenticidade, enfatizando o “cuidar com”. Sendo assim, propõem como reflexão o impacto das relações intersubjetivas no fenômeno suicida, além de estratégias que visem facilitar a elaboração de sentido, resiliência e rompimento de estigmas em todos os setores sociais.

Ming-Wau *et al.* (2020)¹² apresentam os resultados de uma pesquisa qualitativa realizada pelo método fenomenológico existencial de Sartre. O estudo teve como objetivo compreender qual foi o significado atribuído a experiência de tentar o suicídio de cinco pacientes do PRAVIDA (Programa de Apoio à Vida) do Hospital Universitário Walter Cantídio. Para analisar os resultados os autores partiram da premissa de que a tentativa de suicídio é uma decisão fundamentada na liberdade ontológica do indivíduo; em outras palavras, cabe à pessoa deliberar entre manter-se viva ou deixar de existir. Os pesquisadores também assumiram uma postura fenomenológica para a realização desse estudo para ir de encontro com o fenômeno tal como ele se apresenta para o sujeito. Com efeito, os autores obtiveram os seguintes resultados: As tentativas de tirar a própria vida manifestaram-se em períodos marcados por dificuldades pessoais, pressões

sociais e conflitos internos e interpessoais. Desse modo, foi relacionado que a escolha de encerrar a própria existência advém de situações que ocorrem no dia a dia. Além disso, tomar decisões pode ser inquietante e desesperador a ponto de o suicídio emergir como uma alternativa eficaz para evitar essa situação. Assim, foi possível concluir que as tentativas de suicídio tinham como objetivo aliviar as tensões que os participantes carregavam consigo.

Alves e Santos (2020)¹⁵ buscaram compreender como o suicídio é retratado em narrativas de *blogs* na cidade de Garanhuns (PE) e região. Para tanto, esse estudo utilizou a fenomenologia hermenêutica heideggeriana e a cartografia clínica como bases teóricas e metodológicas para investigar cinco notícias publicadas entre os anos de 2017 e 2018. Também foi usado o método Analítica do Sentido, de Dulce Critelli para a compreensão das reportagens. Assim sendo, foi constatado alguns fatos: 1) As manchetes evidenciaram que a linguagem usada nas notícias frequentemente associa o suicídio ao um ato criminal. 2) O ato de tirar a própria vida, em algumas matérias, foi transmitido aos leitores como um evento isolado. 3) As notícias apresentam descrições detalhadas de como o ato ocorreu, muitas vezes expondo a imagem dos indivíduos, com o objetivo de chamar atenção do público. 4) Notícias que são relacionadas ao suicídio gera um maior número de visualizações e engajamento. 5) A morte é vista como algo externo ao indivíduo. Sendo assim, não há uma reflexão sobre a experiência da pessoa que cometeu suicídio ou sobre a própria relação de finitude. 6) O ato de tirar a própria vida em algumas reportagens está diretamente associado a transtornos mentais, principalmente à depressão, sem considerar outros fatores relevantes. É ressaltado, por fim, que os cidadãos de Garanhuns normalizaram casos de suicídios.

Feijoo (2019)¹¹, utilizando-se das concepções teóricas na área do existencialismo, da fenomenologia e da hermenêutica, busca apresentar uma interpretação existencial do fenômeno do suicídio. Sendo assim, a autora estuda o tema de modo a não aderir à perspectiva moderna, que toma o suicídio em uma perspectiva moralizante ou patológica. Além disso, busca discutir o que está em jogo quando uma pessoa decide pôr fim à vida, afirmando que se trata de uma questão de desespero, coragem ou desmedida. Nesse sentido, o suicídio é interpretado socialmente como um ato de coragem ou covardia porque entende-se que a vida é um bem valioso, que merece ser vivido a qualquer custo. Para ela, tal pensamento resulta em diagnósticos que visam à manutenção dos corpos dóceis e úteis à lógica da produtividade, e que prescrevem modos de pensar, sentir e ser. A partir disso, prolifera-se a ideia de que a vida deve se dar em uma lógica da superação, o que intensifica o desespero. Ademais, utilizando o pensamento de Kierkegaard, discorre que o homem se desespera ao constatar que suas possibilidades são da ordem do limitado e finito. Sobre a desmedida, traz que este é um conceito que

está em jogo quando uma pessoa decide pôr fim à sua vida porque ele ocorre quando a medida da existência se obscurece, ou seja, quando o indivíduo se esquece do que faz sentido para si existencialmente. Nesse viés, no mundo moderno, em que os limites do que se pode e não se pode, do que se deve e não se deve, são referidos por normas e critérios externos, impera a desmedida. Tal lógica se estende, portanto, para a psicologia, onde proliferam as disciplinas que visam traçar mapas, perfis e diagnósticos a fim de dizer ao homem o que ele é, e o que pretende, e como deve agir, e pensar e sentir. Em contraposição à essa lógica, Feijoo afirma que pensar o suicídio existencialmente é tomá-lo fenomenologicamente, sem partir de premissas, e sem ditar como o indivíduo deve agir. Segundo a autora, os profissionais de psicologia orientados por um viés existencial devem permanecer junto àquele que pensa em finalizar sua vida em uma escuta atenta, de modo a que o outro possa se demorar mais na sua (in)decisão. Trata-se, portanto, de assumir uma postura que não é indiferente uma vez que se propõe a cuidar, mas que também não cuida ao modo do controle ou ditando o modo como as pessoas devem se comportar. Para tal, afirma que é preciso uma formação que considere: o exercício da clínica existencial; a compreensão de que as verdades acerca do suicídio são historicamente construídas; e a aproximação clínica – para, assim, poderem apreender o sentido que está em jogo quando uma pessoa pensa em dar fim à sua vida.

Serra e Freitas (2020)¹⁶ buscaram investigar as especificidades do luto materno em mortes por suicídio, aprofundando a compreensão do tema através dos sentidos em que ele se organiza. Para tal, utilizaram-se da análise de uma entrevista com uma mãe que perdeu sua filha por autoexterminio. Os relatos da entrevistada foram analisados a partir de uma adaptação do método fenomenológico de Giorgi. Como resultado, os pesquisadores obtiveram que os sentidos mais marcantes da experiência da entrevistada que se sobressaíram foram: 1) O profundo sentimento de impotência diante de um desfecho que se apresentava inexorável; 2) O desamparo vivido na busca por um auxílio que se evidenciava insuficiente; 3) O desgaste das relações da família nuclear frente ao processo vivido antes e depois da morte; e 4) A experiência de suporte ao processo de enlutamento encontrado no amparo da família e no enfrentamento religioso. Além disso, constataram a singularidade do luto materno como uma experiência particularmente significativa e difícil diante de outros lutos, a qual recaí em grande culpa e sentimento de que algo poderia ter sido feito para evitar o fenômeno. Outrossim, questionaram o reconhecimento da possibilidade de escolha da morte diante de um sofrimento para o qual não se encontra sentido e a possibilidade de reconhecimento da legitimidade do direito à morte, os quais podem contribuir para retirar dos ombros dos sobreviventes o peso da culpa que os assombra. E, por fim, pontuaram a necessidade de um cuidado mais abrangente que

repense as práticas interdisciplinares no contexto da saúde mental, a fim de acolher não só os pacientes, mas também os familiares.

Pietrani (2022)¹⁷ busca analisar como o suicídio pode estar atrelado ao trabalho. Para tal, foi realizado um estudo teórico de caráter qualitativo. A autora inicia pontuando que a Psicologia Organizacional e a Psiquiatria, ao buscarem compreender essa questão, adotam um olhar limitado ao indivíduo, restringindo-se a analisar o fenômeno ou pelo aspecto interno, ou pelo externo. Segundo a pesquisadora, essa abordagem, não permite compreender os significados que o indivíduo atribui a essa relação. É ressaltando ainda, que essa limitação é reflexo da influência da ciência moderna, que prioriza a previsão e o controle do comportamento humano, muitas vezes reduzindo o sujeito a um objeto de estudo. Diante disso, o estudo propõe a reflexão dessa temática pautada na fenomenologia hermenêutica de Heidegger. Sendo assim, a autora sugere que a Psicologia, ao abordar essa temática, deve abandonar os julgamentos acerca dessa questão e se aproximar do fenômeno tal como ele se apresenta ao indivíduo. Dessa forma, os sentidos emergentes da relação entre trabalho e vida podem emergir, fazendo com que o homem seja compreendido em sua totalidade.

Araújo, Pereira e Lucena (2021)¹⁸, em sua pesquisa, visam compreender as vivências da protagonista Esther Greenwood, do livro *A Redoma de Vidro*, da escritora Sylvia Plath. Os autores, ao realizarem a análise dessa obra literária, vão além dos estudos tradicionais centrados no suicídio da autora. Assim, a pesquisa utiliza como suporte metodológico a fenomenologia e a análise existencial de Sartre, Schopenhauer, Camus e Carl Rogers. Com efeito, foi possível perceber que: 1) A protagonista apresenta conflitos com sua verdadeira identidade. 2) Esther pensa na morte como uma forma de solução para seus problemas, ainda que não consiga compreender o porquê disso. Segundo os autores, essa atitude é fruto do distanciamento que ela vive de si mesma. 3) A personagem não consegue encontrar um propósito para sua existência ou se conectar com algo significativo. 4) Fazer escolhas é um processo angustiante para a protagonista. 5) Ao se sentir desesperada e aprisionada em suas impossibilidades, o ato de tirar a própria vida emergiu como uma escolha desesperada, mas que evidencia a liberdade de escolha da protagonista. Por fim, foi possível perceber que após as tentativas de suicídio e internação da personagem, ela começa a experimentar maior autenticidade e aceitação, rompendo parcialmente com a sensação que a aprisionava.

O estudo produzido por Coelho *et al.* (2022)¹⁹ visa entender as experiências de automutilação de quatro mulheres, com idades entre 23 e 72 anos, internadas por tentativas de suicídio no Instituto Dr. José Frota (IJF). Devido às limitações do ambiente hospitalar para realização de entrevistas, os atendimentos psicológicos desses pacientes foram registrados em diário de bordo para serem analisados e discutidos posteriormente pela perspectiva da Gestalt-Terapia. O estudo também foi

respaldado no método fenomenológico de Husserl. Como resultado dessa investigação, os pesquisadores obtiveram que esse fenômeno ocorre em períodos marcados por conflitos na vida do indivíduo. Desse modo, emergiu as seguintes categorias de sentido: “Quero ir aos poucos me matando” e “Não conseguia me livrar do que sentia, então me cortei”. Na primeira análise de sentido, as participantes relataram que o ato de infligir danos a si é uma tentativa de se castigarem por atitudes que desaprovava em si mesmas, quanto por não conseguirem ser como gostariam. A automutilação também é percebida por essas mulheres como uma tentativa de alívio imediato para o sofrimento que estão vivenciando. Sendo assim, os autores conceituam que este fenômeno é uma estratégia de autorregulação em contextos de sofrimentos, mas sua natureza é disfuncional e autodestrutiva. Convém mencionar ainda que as pessoas que se automutilam utilizam a retroflexão como mecanismo de defesa, ou seja, em vez de expressarem suas emoções, frustrações ou conflitos para o mundo externo elas voltam essas emoções para si. Já na segunda categoria de sentido, os relatos das participantes indicaram que as participantes ao não conseguirem se livrar das emoções que estavam sentindo recorriam a cortar a própria pele. Assim, ficou evidente que elas tinham dificuldades em encontrar alternativas eficazes para lidar com esses momentos de obstáculos.

Soccol *et al.* (2021)²⁰, analisaram os fatores que impulsionaram mulheres usuárias de drogas a tentarem tirar a própria vida. Para tal, foram realizadas entrevistas fenomenológicas com 12 mulheres atendidas no Caps AD no Rio Grande do Sul com idade entre 32 e 60 anos, posteriormente esses resultados foram analisados sob a perspectiva da Fenomenologia Social de Alfred Schütz. A escolha desse método foi em virtude de ela proporcionar uma base para compreender as interações sociais, atitudes e experiências vivenciadas pelas pessoas. Com efeito, teve-se as seguintes unidades de sentido: “tentativa de suicídio motivada por depressão relacionada a drogas”, “a vivência de violência e relações familiares conflituosas como motivação para tentativa de suicídio” e “a tentativa de suicídio motivada pelas perdas”. Na primeira categoria, os autores discutem o papel dos sintomas da depressão vinculados ao uso de drogas. A partir disso, foi possível perceber que o consumo de substâncias psicoativas, principalmente o álcool, pode agravar o estado emocional do indivíduo, contribuindo para o surgimento de pensamentos e tentativas de suicídio, principalmente, quando se para de consumir essa substância. Já na segunda unidade de sentido é relatado pelas participantes que o ato de tirar a própria vida ocorreu em virtude de um passado marcado por conflitos e hostilidade nas relações interpessoais. Desse modo, o suicídio emergiu como uma forma de escapar dessas experiências traumáticas e violentas. Na terceira categoria é mencionado que o suicídio foi percebido por essas mulheres como uma solução quando se teve uma experiência de perda, seja de um ente querido, financeira ou um término de um relacionamento.

Gonçalves e Ferreira (2023)²¹ visam compreender o sofrimento a partir da fenomenologia da vida de Michel Henry, e correlacionam este tema com o suicídio, a fim de compreender os fenômenos presentes em indivíduos com ideação suicida. Para tal, realizaram uma revisão bibliográfica de natureza qualitativa e descritiva. Sendo assim, trouxeram inicialmente uma visão geral da fenomenologia, explicando os conceitos fundamentais dessa teoria a partir de seu fundador: Edmund Husserl. Em seguida discorreram sobre a influência da fenomenologia de Husserl na fenomenologia de Michel Henry, destacando que ambos afirmam que a consciência se dá por meio da intencionalidade. Desse modo, passam a explicitar os principais conceitos da fenomenologia de Michel Henry, trazendo que para este autor a vida se revela ela mesma, ou seja, é um fim em si mesma, e o sofrimento (ou pathos) se mostra como um definidor da condição humana do ser. Além disso, este autor traz que o sofrimento não é algo palpável, portanto, quando a pessoa o assume em si, permite-lhe conviver com ela, e ir além dele. Sendo assim, considerar o fenômeno da dor e do sofrimento, de acordo com Henry, é notar como ela aparece. Outrossim, destacam a importância de se considerar todas as emoções como elas aparecem, tendo em vista que a vida é percebida como emoção, e isso tem grande importância clínica. Ao final, sintetizam que, para a fenomenologia da vida, a essência da vida está na auto emoção, na singularidade de sentir-se e ser afetado, e na dinâmica patológica modal da dor e do prazer. Nesse sentido, o sofrer é uma tonalidade fenomenológica originária da vida, que permite a constituição e o desenvolvimento do ser, e, para os autores, este entendimento tem grande valia na psicologia clínica.

Marchionatti *et al.* (2024)²² realizaram uma análise qualitativa de um grande conjunto de dados obtidos a partir de relatos espontâneos de usuários não identificados de um fórum online do Reddit, a saber, o r/Depression. O objetivo dos pesquisadores consistia em analisar as experiências vividas de pensamentos suicidas. A coleta de dados se deu com procedimentos manuais e automatizados, utilizando o método de “amplitude e profundidade” de Davidson *et al.* (2019).

Como resultado, obtiveram as seguintes categorias: 1) Propriedades dos pensamentos, a qual revela como (em fantasias ou sonhos acordados sobre a morte, em pensamentos intrusivos, em pensamentos constantes, em imagens visuais sobre a morte, de forma incontrolável, desencadeados por certos condicionantes, e com frequência e duração flutuante) e quando (cronicamente, em episódios de depressão ou sentimentos negativos, desde a infância, recorrentemente, e quando as coisas estão bem) os pensamentos suicidas ocorreram; 2) Efeitos sob a pessoa, do qual extraíram: conforto ou prazer, preocupação, aprende a lidar com os pensamentos, enfrentamento, efeitos negativos, e acostumação; e 3) Relação com o suicídio, de onde registrou-se: não quer morrer mas tem pensamentos suicidas, quer morrer, articulação de pensamentos como algo dissociado de

seu desejo real, ambivalência, controle sobre os atos com a certeza de que não o fará, impulsos, medo de perder o controle ou ceder aos pensamentos, e progressão para o planejamento ou ação da morte. Durante a síntese interpretativa, também três temas emergiram, identificando significados e conexões centrais entre os códigos e as categorias, sendo estes:

A) Imaginando fugas: alívio e dor em imagens de suicídio; B) Integrando pensamentos em si mesmo: relações intrincadas com desejo e comportamento suicida; e C) Preso em pensamentos: natureza de longo prazo da cognição suicida. Desse modo, os autores sintetizam que encontraram resultados observados na literatura, como o caráter intrusivo dos pensamentos suicidas e o conforto ou alívio associados a eles, mas também adições, como o fato de o fenômeno também ser expresso por pessoas que se sentem bem e não enfrentam grandes adversidades na vida, e não somente em situações de desespero, com frequentemente se relaciona nas produções sobre o tema. Por fim, ressaltam a necessidade de pesquisas adicionais, como a entrevista em profundidade, para superar as limitações deste estudo e ampliar as perspectivas sob o fenômeno de pensamentos suicidas.

Souza e Belmino (2021)²³, a fim de compreender as intervenções do Gestalt-terapeuta frente a uma situação de iminência suicida, realizaram uma pesquisa qualitativa a partir de uma revisão bibliográfica de autores referência na temática, sintetizando os resultados obtidos por meio da análise de conteúdo. Sendo assim, obtiveram, através de bibliografias como Rigo (2013), Fukumitsu (2014), Vavassori (2017), Yontef (1988), Gaspari (2002) e Boccardi (2018) que, tendo em vista que o Gestalt-terapeuta trabalha com o aqui e agora, a partir de uma relação horizontal baseada no EU-TU, quando se emergem situações de iminência de morte, este profissional tem como principal intervenção a construção de uma relação entre terapeuta e cliente, numa postura dialógica de amparo ao sujeito, visando ouvir, entender e acolher o sofrimento. Sendo assim, é necessário que tenha ANIMO (Atenção, Neutralidade, Interesse e Motivação), trabalhe junto à uma rede de apoio do indivíduo, baseando-se no PIC (Parceria, Informação e Coragem), e também desenvolva empatia no que tange o sofrimento humano. Nessa perspectiva, o Gestalt terapeuta deve distanciar-se das práticas disciplinares de manejo com a morte voluntária, aproximando-se de uma postura que se dá em: 1) perguntar e explorar; 2) compreender, afirmar e acolher; 3) encaminhar e acompanhar, o que também significa demonstrar uma preocupação genuína com o cliente, dispondo-se para comunicação em situações emergenciais. Ademais, deve fazer uma compreensão do significado da ação do suicida, investigando os sentimentos e as emoções do cliente, acolhendo, entendendo e compreendendo a situação para confirmar que pode ser sim uma alternativa de acabar com sofrimento, mas que pode se pensar e analisar outros meios e possibilidades de futuro. Dessa forma, explora-se o querer viver e

morrer do sujeito. Por fim, de acordo com os autores, também pode basear sua clínica na frustração habilidosa e no acolhimento.

Objetivando discutir a problemática do suicídio sob o olhar da Psicologia Fenomenológica Existencial de inspiração heideggeriana, Rosa *et al.* (2023)²⁴ realizaram uma revisão narrativa da literatura sobre o tema, utilizando como marcador temporal os estudos produzidos entre 2016 e 2022. Os artigos encontrados foram analisados mediante a análise de conteúdo de Bardin (2016) e da leitura dos textos emergiram as seguintes categorias de análise: 1) Finitude e morte, na qual os autores discutem a finitude como uma parte constitutiva do Dasein, utilizando o pensamento de Heidegger, e também a associação do suicídio com o desespero gerado a partir da constatação de que o ser humano é finito, mas ao mesmo tempo possui uma infinidade de possibilidades de existir, utilizando o pensamento de Kierkegaard; 2) Liberdade e autonomia, onde se discute a falta de autonomia do homem com relação à sua própria morte, dado a tecnização e a alienação do mundo contemporâneo; 3) Moralização do suicídio, que aborda a histórica concepção punitiva do suicídio, a qual visa encontrar as causas e não os motivos do fenômeno, e também salienta o quanto isso se repercute nos despreparo dos profissionais de saúde para lidar com pacientes que tentaram o suicídio, mostrando preconceito, indiferença e falta de acolhimento; 4) Culpabilização do suicídio, em que tratam sobre a busca pelas causas de um suicídio ou tentativa de suicídio, as quais frequentemente recaem sob a família, os profissionais de saúde, ou a alguma patologia, discorrendo que a Psicologia Fenomenológica Existencial critica essa prática que procura encontrar os fatores causadores da desordem do suicídio para depois corrigi-los e readequá-los; e 5) Patologização do suicídio, o qual discute as consequências negativas da associação exclusiva do suicídio à alguma patologia, como os estigmas e preconceitos, além de favorecer que se individualize o tema e se deixe de lado o contexto histórico, político e social onde o fenômeno ocorre. Por fim, afirmam que, de uma perspectiva existencial, o suicídio exige assumir uma postura fenomenológica, de modo a aproximar as pessoas do fenômeno sem partir de premissas acerca dele como doença, patologia, sofrimento, desespero e controle.

Silva e Feijoo (2021)²⁵, a fim de refletir sobre a abordagem clínica do suicídio sob a perspectiva da daseinsanálise, buscaram visitar o início desta abordagem com Ludwig Binswanger. Para tal, os autores analisaram como Binswanger lidou com o caso de Ellen West. Esse psiquiatra rompeu com a concepção da psiquiatria de sua época, que entendia o suicídio como uma enfermidade psíquica. Desse modo, utilizou-se as ideias da análise existencial de Martin Heidegger para compreender a morte voluntária como uma possibilidade existencial. Contudo, para Ludwig o suicídio de Ellen foi fruto de sua existência, representando assim, um ato de autenticidade e de um

destino que era inevitável. Essa interpretação gerou inúmeras críticas a ele, pois, há dúvidas se de fato a atitude dela foi uma decisão autêntica ou influência dos valores da sociedade. Além disso, Binswanger tentou interpretar a situação atribuindo à paciente o diagnóstico de esquizofrenia, afastando-o de uma análise existencial. Posteriormente é retratado no artigo, um caso clínico atual de um jovem universitário que apresenta um histórico familiar de transtornos mentais e risco de suicídio. O profissional ao seguir o que propõe a daseinsanálise optou por não o internar, a escolha se deu em razão de priorizar a relação terapêutica, em vez de seguir o que se preconiza nos manuais de “perfil suicida”. A partir disso, buscou-se respeitar o ritmo do indivíduo para assim ele entrar em contato com sua própria experiência. Além de respeitar a escolha do indivíduo em querer ou não tirar a própria vida. No entanto, ao longo do acompanhamento, o paciente afastou-se da ideia suicida, reconstruindo sua existência. Diante desse cenário, os autores fizeram uma comparação deste caso com o de Ellen West ressaltando que ambos os profissionais ao lidar com os casos não se prenderam a seguir as regras impostas em casos de ideia suicida. Além de optarem por deixar o paciente livre para fazer sua escolha, no caso de Ellen ela escolheu encerrar a própria existência, enquanto, no caso universitário, o paciente conseguiu superar as dificuldades e dá uma nova perspectiva para sua vida. Por fim, os pesquisadores destacam que, esse fenômeno de ordem existencial, não pode ser exemplificado por teorias ou diagnósticos, pois ele é imprevisível e único para cada indivíduo, assim, em vez de buscar categorizá-lo, deve-se estar aberto e atento a cada caso que se chega na clínica.

Feijoo *et al.* (2023)²⁶, em seu estudo teórico questiona o papel das abordagens contemporâneas na prevenção ao suicídio. Para esses autores, o ato de tirar a própria vida atualmente é reduzido a uma sequência de causas e efeitos. Como resultado disso, a dimensão subjetiva e existencial do indivíduo é rejeitada em prol da identificação e do controle de fatores de riscos. Essa atitude, por sua vez, ignora que o suicídio é uma decisão que está orientada na forma como o indivíduo concebe sua existência e seu contexto social-histórico. Para romper com essa concepção, os pesquisadores propõem a análise desta temática na perspectiva da fenomenologia-existencial de Martin Heidegger, uma vez que este autor advoga que essa visão reflete o esquecimento da indeterminação e da liberdade como aspectos essenciais do ser humano. Os autores, além disso, sugerem que se adote uma postura de compreensão e reflexão sobre essa temática para compreender qual é o sentido que o sujeito atribui a essa experiência. Por fim, os pesquisadores, ressaltam que a prevenção do suicídio deve-se distanciar dessa concepção que busca a todo custo o controle, para que assim se valorize o sujeito em sua essência. Nesse sentido, o estudo não propõe novas técnicas, mas sim mudar a maneira como se entende a relação entre a experiência humana, ciência e técnica.

Durante a pandemia de Covid-19, Azevedo e Dutra

(2020)²⁷ produziram um estudo objetivando compreender as nuances do suicídio no contexto que atravessavam, tomando como base a ontologia heideggeriana. Sendo assim, inicialmente, as autoras salientam que, em pandemias, o risco de suicídio é maior, em razão das mudanças sociais, dos impactos econômicos, e principalmente das sequelas emocionais que vivenciar uma crise sanitária trazem. Em seguida, tomando como base a concepção de Heidegger de que o homem é um ser que existe no mundo e se modifica por este, trazem que não se pode afirmar que a pandemia afetou todas as pessoas de maneira igual, discorrendo que algumas podem vivenciar esse momento de crise, manifestando ansiedades, depressão ou sintomas psicossomáticos, enquanto em outras, o isolamento social, a solidão e a ausência de interação social podem favorecer o suicídio. Com isso, utilizam as noções de tédio e de habitação de Heidegger para explicar que, no contexto pandêmico, as pessoas se sentiam ameaçadas pela iminência da morte, angustiadas pela privação da liberdade, desprotegidas e desabrigadas pelo mundo, que não era mais um local seguro, os quais recaíam em uma experiência de desamparo e abandono, o que pode explicar o aumento de comportamentos suicidas. Além disso, falam sobre a experiência de quarentena, que se assemelha a um exílio e que pode levar a um sofrimento intenso, destacando o quanto isso afeta a noção do homem de temporalidade e explicitando as consequências disso através do pensamento de Heidegger. Ao final, utilizando o pensamento de Santos (2020), sintetizam que um surto viral sinaliza a fragilidade humana, interrompe o senso comum de controle específico e evapora a segurança. Sendo assim, em meio ao desamparo causado em um contexto pandêmico, o suicídio pode ser uma possibilidade diante da inospitalidade de um mundo que não mais o abriga e que todos os seguranças que o sustentavam desapareceram

5. CONCLUSÃO

A partir dessa análise, conclui-se que estudos com enfoque humanista, fenomenológico e existencial se interessam pela experiência vivida de pessoas com comportamentos suicidas ou de familiares e profissionais da saúde que lidam com essas pessoas. Nesse sentido, notou-se o caráter diversificado e singular de cada ser humano que experiencia algum viés deste fenômeno. Foi possível observar nos artigos revisados a prevalência de discussões acerca da liberdade de querer viver ou morrer, o que, na visão das autoras desta pesquisa, demarca uma característica singularizante da concepção fenomenológica existencial em Psicologia. Além disso, salienta-se que tal concepção contribui para que o estigma, o preconceito, a moralização e a patologização historicamente associados ao suicídio sejam superados, uma vez que as psicologias humanista, fenomenológica e existencial preconizam que o homem deve ser entendido em sua totalidade, e a morte é tomada como

um elemento constitutivo de todos os seres racionais.

Por fim, a realização desta revisão sistemática possibilitou contribuir enquanto embasamento teórico acerca da temática, o que colabora para o aprofundamento de estudos nessa temática, visando o esclarecimento de nuances ainda não investigadas até então. Ademais, também se destaca a escassez de estudos produzidos na região norte e nordeste deste país, e de estudos brasileiros em periódicos internacionais como o PubMed e APA PsycNET. Sendo assim, as análises apresentadas no decorrer do presente estudo não esgotam a infinidade de possibilidades para discussões sobre o tema, e sugere-se a realização de revisões sistemáticas que contemplem autores de outras nacionalidades.

6. FINANCIAMENTO

O presente estudo foi financiado pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), do Instituto de Educação Superior Raimundo Sá (IESRSA).

7. REFERÊNCIAS

- [1] Organização Mundial Da Saúde. Suicídio. 2023. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/suicide>. Acesso em: 3 out. 2024.
- [2] Abramed. Brasil registra mais de 30 internações por dia por tentativas de suicídio e autolesões, alertam médicos emergencistas. Portal ABRAMED. 2023. Disponível em: <https://portal.abramede.com.br/noticia/brasil-registra-mais-de-30-internacoes-por-dia-por-tentativas-de-suicidio-e-autolesoes-alertam-medicos-emergencistas>. Acesso em: 3 out. 2024.
- [3] Horta, SS. Depressão: um mal do ser humano... em todos os tempos. In: Giovanetti, JP. *et al.* Fenomenologia e Psicologia Clínica. Belo Horizonte: Ed Artesã. 2018; 115-133.
- [4] Botega, NJ. Crise Suicida: avaliação e manejo. Porto Alegre: Artmed. 2015.
- [5] Cruz CA, Sales DO, Souza LS, *et al.* O suicídio na perspectiva das Psicologias Humanista, Fenomenológica e Existencial: revisão sistemática e metassíntese. Contextos Clínicos. 220; 13(1):293-315.
- [6] Sociedade Humanista De Psicologia. Divisão 32. Associação Americana de Psicologia, 2024. Disponível em: <https://www.apadivisions.org/division-32>. Acesso em 25 set. 2024.
- [7] Amatzuzi MM. Rogers: ética humanística e psicoterapia. Campina: Editora Alínea; 2012.
- [8] Bello, AA. Introdução à fenomenologia. Bauru: EDUSC, 2006.
- [9] Rocha MAS, Boris GDJB, Moreira VA. Experiência suicida numa perspectiva humanista-fenomenológica. RAG. 2023; 18(1):73-82. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v18n1/v18n1a10.pdf>. Acesso em: 3 out. 2024.
- [10] Penha J. O que é existencialismo. Editora Brasiliense: 1996; V61.
- [11] Feijoo AMLC. Suicídio: uma compreensão sob a ótica da psicologia existencial. Arquivos Brasileiros de Psicologia. 2019; 71(1):158-173.
- [12] Ming-Wau C, Boris GDJB, Melo AK, *et al.* A decisão de tentar o suicídio sob a lente fenomenológico-existencial

- sartriana. *Estud Pesqui Psicol.* 2020; DOI: 10.12957/epp.2020.56663
- [13] Koller SH, Couto MCPP, Hohendorff JV. Manual de produção científica. Penso Editora, AJA. 2024.
- [14] Oliveira AJA, Leite VA, Gaspar EY. Vivências e Elaboraões sobre a Tentativa de Suicídio na Adolescência: Estudo de Caso Fenomenológico. *Revista Psicologia e Saúde*, [S. l.]. 2021; 13(2):19–32. DOI: 10.20435/pssa.v13i2.1102. Disponível em: <https://pssa.ucdb.br/pssa/article/view/1102>. Acesso em: 2 nov. 2024.
- [15] Alves DVA, Santos SEB. de. Noticiário teclado: o suicídio em pauta na mídia digital. *Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies.* 2020; 26(3):267-278.
- [16] Serra APE, Freitas JL. Luto materno no suicídio: a impotência e o desamparo frente às (im)possibilidades. *Rev. NUFEN, Belém.* 2020; 12(3):19-37. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912020000300003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 2 nov. 2024.
- [17] Pietrani EEM. Suicídio e trabalho na era da técnica: um olhar sob a perspectiva fenomenológico-hermenêutica. *Phenomenological Studies – Revista da Abordagem Gestáltica.* 2022; 28(1).
- [18] Araújo AB, de Pereira, JAO, Lucena PL. Uma compreensão fenomenológico-existencial em “A redoma de vidro” de Sylvia Plath. *Revista Subjetividades.* 2021; 21 SPE: 1-12.
- [19] Coelho AL, Ming-Wau C, Melo AK, *et al.* Vivências de automutilação sob a lente da Gestalt-Terapia. *Rev Psicologia e Saúde.* 2022; 14(2):69-82. doi: 10.20435/pssa.v14i2.1749
- [20] Soccol KL, Canabarro JL, Aquino JM, *et al.* Motivações para tentativa de suicídio por mulheres usuárias de drogas. *ABCS Health Sci.* 2021; 46:e021213. doi:10.7322/abcshs.2020027.1468
- [21] Gonçalves DJ, Ferreira LC. Sofrimento: uma contribuição para o entendimento da ideação suicida a partir da fenomenologia da vida de Michel Henry. *Psicologia e Saúde em debate* [S. l.]. 2023; 8(2):214–225. DOI: 10.22289/2446-922X.V8N2A13. Disponível em: https://psicodebate.dpgpsifpm.com.br/index.php/periodico/art_icle/view/887. Acesso em: 2 nov. 2024.
- [22] Marchionatti, LE, Amaral RR, Barcellos C. *et al.* “Não quero morrer, mas meu cérebro insiste que eu deveria”: uma grande abordagem de dados qualitativos para as experiências vividas de pensamentos suicidas. *Fronteiras em Psicologia.* 2024; 15:1420287.
- [23] Souza EMC, Belmino MCB. Intervenções Psicológicas na Iminência do Suicídio à Luz da Gestalt-Terapia. *Id on Line Rev. Psic.* Dezembro/2021; 15(58):139-153. ISSN: 1981-1179.
- [24] Rosa RR, Mallmann LJ, Sales AK, *et al.* ALÉM DAS EXPLICAÇÕES CAUSAIS: a compreensão do suicídio na perspectiva da psicologia fenomenológica existencial. *Psicologia e Saúde em debate*, [S. l.]. 2023; 9(2):229–248. DOI: 10.22289/2446-922X.V9N2A13. Disponível em: https://psicodebate.dpgpsifpm.com.br/index.php/periodico/art_icle/view/999. Acesso em: 2 nov. 2024.
- [25] Silva VP, Feijoo AMLC. A lida clínica com o suicídio: de Binswanger à daseinsanálise hoje. *Psicologia em Estudo.* 2023; 28:e53056.
- [26] Feijoo AMLC, Magliano FR, Protasio MM, *et al.* Prevenção do suicídio: esquecimento do ser e era da técnica. *Psicol Cienc Prof.* 2023; 43:e253652. doi: 10.1590/1982-3703003253652
- [27] Azevedo AKS, Dutra E. Suicídio em tempos de Covid-19: possibilidades de compreensão à luz da ontologia heideggeriana. *Estudos de Psicologia.* 2020; 25(4):460-469. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2020000400009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 2 nov. 2024.